

OS TRABALHOS E OS DIAS NA ANTIGUIDADE

Homero, Hesíodo e Virgílio: olhares diversos sobre
o Homem e a Natureza.

Alves Fernandes

A proposta do nosso discurso é ampliar a variedade de traço-
no como um dos fundamentos da própria condição humana. Nem os
deuses nem os animais trabalham, só o homem.

Nem por isso deve o trabalho ser considerado um castigo, como
deuses, nem o contrário, o pão com o suor do seu rosto, como punição, ou
castigo punitivo ao crime de desobediência primordial. O trabalho, nesse
contexto, é uma dessas contradições dialéticas fundamentais da vida
humana, entre a luz e a sombra, entre o real e o imaginário. Desde que
o homem apareceu na face da terra foi-lhe necessário procurar a vida
se em busca da sua substância, enfrentando a alteridade da natureza
dos elementos, das chuvas e das colheitas.

2ª PARTE

sempre mais árdua ou mais amena na dependência da variedade
gráficas e da variedade dos climas.

ESTUDOS

O resto é poesia e filigrana mítica de que dispõe a fantasia
humana para a leitura sem fim da nossa própria existência.

Para a visão ponderada do poeta de Arca, longe da maldição e
maldição, o trabalho árduo dos campos é a fonte da vida, a fonte
ociosa e a indispensável fonte de energia para o desenvolvimento
em busca do sucesso e do bem-estar.

Se para Homero os valores do trabalho e do bem-estar
constituam a referência maior, como se a pátria grega, militan-
do o estamento aristocrático de Hesíodo, em Hesíodo dedica-se
o eoz de sua atenção para o segmento social do mundo camponês
- para a existência laboriosa do mundo do trabalho produtivo e
tamente associado à sobrevivência da espécie.

Investindo na poesia o substrato espiritual da sua própria vivên-
cia de camponês, de Hesíodo, contempla com "intelecto d'amor", de

Mulheres... Mulheres...

Giselda Medeiros

Afrânio Coutinho assevera que "a literatura é produto da imaginação criadora, artística, uma forma de arte, a arte da palavra, cuja finalidade é despertar o prazer estético".

Pudemos ratificar essa assertiva após a leitura prazerosa dos originais de *Mulheres*, a mais recente obra do poeta, contista, cronista e ensaísta Almir Diniz.

Em poemas bem trabalhados, em sua maioria sonetos, o poeta, no uso de sua "imaginação criadora, artística", vai delineando, através de seu ideal estético, a figura da mulher, celebrada sob todos os seus matizes, demonstrando a capacidade que o poeta tem de fazer poesia por paixão, por isso obedecendo somente à arte que o comanda e que se basta a si mesma.

Aqui, o poeta deixa-se penetrar pelo mistério que envolve a mulher, abolindo distâncias temporais e espaciais, bem como estigmas, para recriá-la em sua plenitude: a mulher madura, a mulher moderna, a ariana, a negra, a amarela, a mulata, a cabocla, a aborígine, a cafuza, a mulher sob o viés de sua profissão, até chegar às deusas e aos mitos.

É visível nesses poemas de Almir Diniz a sua versatilidade em dar vida às imagens e ideias. Ele ultrapassa o domínio da meditação e da observação para expandir sua intuição criadora através da opulência de seus versos. É um exercício constante em nome da beleza.

Quando lemos *Mergulhos*, livro da cearense Vânia Vasconcelos, anotamos esta passagem, por achá-la bem pertinente à feição da mulher e, agora, pertinente ao dizer do poeta Almir Diniz, nesse seu labor literário. Ei-la: "estranhos seres são as mulheres, que sangram e dilatam, mas sabem ser sombra e pequenez; que gostam de falar, mas compreendem profundamente a ausência de voz; que pintam o rosto, mas guardam as cores da tristeza; que sentem medo de bichos pequenos e enfrentam, altivas, silenciosas, grandes algozes: o mundo

avesso, os desejos calados, os filhos arrancados pela vida ou da vida, a violência permitida, os estigmas... assim são esses seres de vida em segredo".

Nesse novo livro de Almir Diniz, o interessante é que a temática, nos poemas, é trabalhada a partir da criação da mulher, sob as duas óticas: a bíblica e a científica. Senão vejamos:

*O homem vivia! E o Mestre, satisfeito,
deu-lhe a missão de amar... e ele, com jeito,
tendo à mão a "costela", fez o resto...*

("Laboratório da Vida")

*Se espontânea surgiu no lodo ou nata
n'algum pântano, ao lado do primata,
ou se esculpida foi numa costela...*

("Controvérsia I")

Após essa primeira seção, intitulada "A Invenção da Mulher", seguem-se "Como Elas São", "Moldura Racial", encerrando com "Deusas e Mitos".

Outro ponto que deve ser destacado em *Mulheres* é a linha melódica dos sonetos. As rimas ricas, o verso decassílabo, a cesura perfeita, conforme se pode observar no soneto "Mulher 1", do qual destacamos:

*A mulher é um cromo que fascina,
um monumento cárneo, e até diria,
sem recorrer à "vã filosofia",
que sendo humana é, também, divina.*

De beleza ímpar, tanto formal quanto conteudística, é o soneto "O Despertar da Mulher", trabalhado sob fino e elegante erotismo, que seduz o leitor e o leva a visualizar a menina-moça, qual uma fada, a transmutar e transfigurar o seu destino:

*Pesquisando, buliu nos seus relevos
e sentiu dominando-a tais enlevos
como inda não sentira um só, sequer.*

É, pois, assim, impregnada de densa carga sensorial a poesia de Almir Diniz. Poderíamos, aqui, transcrever mais e mais versos. Não o faremos, porém, por não quisermos roubar ao leitor o prazer estético da leitura, em sua íntegra, deste *Mulheres*, livro em que vamos encontrar, sempre, o poeta multifacetado, inteiro, no silêncio profundo do poema, a nos enlevar com a fluência de sua tessitura poética.

Nós, mulheres, estamos profundamente sensibilizadas e ufanas, por nos reconhecer em algum desses célebres poemas às mulheres. Que o leiam, homens e mulheres, e, ao final, conscientizem que há beleza em todas as estações, bastando para isso ver a beleza acima do que é efêmero.